

Fervografia: Fervo, Comunicação e “Bons Encontros” num Show de Linn da Quebrada¹

Thiago Tavares das NEVES²
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão teórica e empírica inicial sobre a experiência cartográfica do fervo (fervografia) em um show da artista Linn da Quebrada. Inicialmente o artigo propõe fazer uma espécie de genealogia do fervo com um trabalho epistemológico sobre o conceito. Logo em seguida, trabalhamos o que compreendemos por cartografia e afeto e suas implicações na fervografia. Para finalizar, fizemos uma reflexão sobre a ideia dos “bons encontros” pensada por Spinoza, tudo isso imbricado com a comunicação, a alegria e a política atrelada à Fervografia. A experiência fervográfica da apresentação de Linn da Quebrada atravessa todo o texto sempre em diálogo com a proposição teórica.

PALAVRAS-CHAVE: fervografia; cartografia; afeto; fervo; Linn da Quebrada.

Como pesquisar sobre festas? É a festa um objeto de estudo caro às ciências humanas? Qual sua relevância? Qual a importância da alegria, da diversão, do fervo para o campo científico das ciências sociais e da comunicação? Durante muito tempo me debrucei sobre o estudo das festas, em específico, de música eletrônica. Queria desvendá-las, entender os agenciamentos que ali ocorriam, que afetos transpassavam aquele ambiente festivo, qual o papel das drogas, da música, da tecnologia, do corpo naquele espaço de ebulição coletiva, descobrir o que essas festas diziam da cultura urbana contemporânea.

Foi no GP de Comunicação e Culturas Urbanas, o qual faço parte desde 2008, que encontrei algumas dessas respostas e mais questionamentos. Diversas inquietações teóricas, metodológicas e epistemológicas emergiram na interface da comunicação e da antropologia, desvelando o caminho do “entre” entre as searas disciplinares e suas hibridações teóricas que surgem a partir do cruzamento da cultura com a comunicação.

Durante minha pesquisa de mestrado, no estudo dessas festas, das *raves* principalmente, descobri na etnografia um ótimo instrumental metodológico; no

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutorando no PPGCOM-ESPM, membro do GP CNPq JUVENÁLIA, e-mail: nevesthiago1@hotmail.com

doutorado me rendi ao método cartográfico difundido por Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik, de inspiração Spinozista, ainda tendo como objeto de investigação as festas de música eletrônica. Agora no pós-doutorado encontro em Linn da Quebrada, nas suas apresentações, no seu show, a mais pura manifestação do fervo. A festa agora é política, é luta, é protesto, mas não deixou de ser diversão, alegria. É fervo. O fervo contamina a cartografia e pode também tornar-se um operador conceitual e epistemológico na criação de um método, a fervografia.

Notas epistemológicas sobre o fervo

“Eu abro a boca, eu mostro os dentes, eu canto, eu penso, eu danço, eu sento, eu sinto, eu bordo, eu corto teu pinto. Quem sou eu? Me movo, morro e renasço feito capim que se espalha, um pensamento cupim, um vírus que contamina as suas ideias, eu vou, vou longe, eu vou, mas eu volto. Quem sou eu? Uma lenda? Uma maldição? Um feitiço? Uma canção? Quem sou eu?”

É com esse testemunho que Linn da Quebrada abre seu show na Casa Natura Musical³, espaço cultural com jardim flutuante e vertical que espalha o verde por vários ambientes da casa. Lina Pereira, popularmente conhecida como Linn da Quebrada, artista transmidiática, natural de São Paulo capital, foi criada no interior do estado, nas cidades de Votuporanga e São José do Rio Preto. Linn se declara uma bicha preta, travesti, periférica, da quebrada, filha de empregada doméstica alagoana. Linn é uma artista proveniente da periferia que utiliza a música e o corpo como armas de desconstrução do machismo, da falocracia, da transfobia e construção de um novo feminino e de mulheridades como a mesma afirma.

Era noite de quinta-feira, 4 de abril de 2019, o encontro naquela noite teria um show de Mc Tha⁴, artista independente natural de Tiradentes/SP, e logo em seguida Linn. O show fazia parte de divulgação do projeto Frequências, de grande sucesso na Casa Natura Musical, cujo objetivo é o encontro de artistas que admiram o trabalho um do outro, jovens talentos que tenham algum tipo de interlocução entre si, mesmo atuando em cenas musicais distintas.

³ Espaço de eventos localizado no bairro de Pinheiros em São Paulo com 1561m² de área construída com três pavimentos que se diluem em um terreno praticamente triangular. Fundada em 2017, o local sempre traz shows não só de personalidades consagradas da música brasileira como Gal Costa, Arnaldo Antunes, Elba Ramalho, mas também novos artistas como Mc Tha, Linn da Quebrada, Rincon Sapiência, dentre outros. O projeto, com patrocínio da marca de cosméticos Natura, tem como foco incentivar o desenvolvimento da cultura e diversas manifestações artísticas do país.

⁴ Mc Tha em suas letras, na sua música e videoclipes assim como Linn, também advoga em sua arte uma política de resistência dos corpos subalternizados.

A apresentação de Mc Tha começou às 22h15min, com apenas 15 minutos de atraso, a artista fez exatamente uma hora de show aquecendo o público para a entrada de Linn. A chaleira foi ligada. Linn entrou no palco perto da meia noite e iria apresentar o repertório do seu primeiro álbum Pajubá lançado em 2017. Com vestido branco, cheio, protuberante e imponente, parte dele cobria um braço na cor vermelha, botas também brancas que passavam da altura do joelho, ela e Jup do Bairro⁵, sua parceira de palco e da vida, usava também um vestido no mesmo estilo nas cores preta e vermelha. Branco, vermelho e preto. Sagrado, sangue, profano. Ambas artistas, negras, mulheres-trans que brincam com o gênero e declaram guerra ao machismo, ao falocentrismo, a misoginia e a branquitude. Guerra nada velada, pelo contrário, assumida, gritada. Naquela noite Linn, dividia o palco da sua apresentação também com BadSista (DJ e produtora musical), Pininga (DJ) e Dominique Vieira (percussão).

Aquela noite foi um evento no qual o fervo ditou as regras. O que é o fervo? De acordo com o dicionário de língua portuguesa a palavra deriva do verbo ferver, o mesmo que estar em ebulição, denotativamente; exaltar-se, vibrar de entusiasmo, conotativamente. Fervo, como gíria remete ao Pajubá⁶, significa a forma abreviada de ferveção, diversão ou como mesmo diz no vocabulário LGBTQ+ “enlouquecer na pista”⁷.

Importante destacar que o Pajubá, incluindo a ideia de fervo como festa e de caráter político, nasce em um período em que as lutas LGBTQ+ estão em pauta não só no Brasil, mas em algumas partes do mundo. Em Paris, no ano de 1971 foi criada a Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR) resultado da ação de feministas lésbicas e ativistas gays cujo objetivo era destruir pautas machistas e homofóbicas da extrema esquerda. É nesse cenário de manifestações da FHAR que o corpo é posicionado como instrumento político e o ânus é o principal protagonista no debate.

Entre 1968 e 1988 as políticas do ânus foram inventadas como agenciamentos coletivos em face das políticas de guerra (*bio / tanato*) que até agora tinham sido as formas tradicionais de governo do social: exercícios de poder nos quais a mutilação e a morte se tornaram formas de defender a vida das populações. Essas micropolíticas de gays, lésbicas, travestis e transexuais se opõem ao modelo tradicional de política como guerra (biopolítica e tanatopolítica encontram suas referências na guerra como o modelo supremo de controle), e propõem um novo modelo de política como relação, festa,

⁵ Artista, performer, rapper, compositora, sempre divide o palco com Linn da Quebrada.

⁶ Uma série de palavras, vocabulário, nascido no período da ditadura que tem sua origem no nagô e no iorubá [grupos étnico-linguísticos africanos], e considera apropriações linguísticas feitas por homossexuais e travestis. Trata-se de um instrumento linguístico-cultural que desafia normas de gênero e sexualidade (ELER, 2018).

⁷ Para maiores informações ver: <http://tensu.blogspot.com/2009/06/dicionario-bajuba-pajuba.html>. Acesso em: 22 jun. 2019.

comunicação, auto-experimentação e prazer (HOCQUENGHEM; PRECIADO, 2009, p. 148 – tradução nossa)⁸

É nesse contexto que a ideia de festa, diversão, prazer como arma política de contestação é associada ao fervo e à bandeira da militância LGBTQ+. Em novembro 2014, aconteceu o evento Revolta da Lâmpada⁹, cujo objetivo era dar visibilidade as pautas LGBTQ+ e a libertação de todos os corpos. Na página do evento no Facebook¹⁰, o texto principal prega a liberdade dos corpos deixando bem claro que o evento é ao mesmo tempo luta e fervo, daí provém o *slogan* principal do movimento: “o fervo também é luta”. O evento deu origem ao coletivo RDL (Revolta da Lâmpada) de ativismo¹¹ interseccional que resgata a ideia de fervo como luta política tão difundida e propagada pela FHAR na Paris do início dos anos 1970.

O lema também foi defendido pelo primeiro rapper negro assumidamente gay e ativista da periferia de São Paulo, Rico Dalasam que diz: “O fervo é protesto”. Rico afirmou em entrevista que a forma de se fazer protesto no meio gay é com festa, com dança, “o fervo é forma de protestar nesse instante e instaurar esse novo tempo de quebra de normatividades” (DALASAM, 2015). O funkeiro paulista McQueer também comprou a ideia com o lançamento da música “Fiscal” em 2016. O videoclipe se inicia com a frase “O fervo também é luta”, que também é o refrão da música, denunciando no vídeo os acontecimentos homofóbicos de 2010, apesar de reforçar algumas ideias falocêntricas e machistas na letra¹².

Identifico o fervo, portanto, como sendo um emergente conjunto de deslocamentos e de novas formas de participação democrática produzidas em torno da organização de festividades urbanas politicamente engajadas. Destaco aqui as festividades que são protagonizadas por jovens negras (os), mulheres e LGBT, de periferia por um necessário reconhecimento sobre uma cena protagonizada pelas sujeitas mais subalternizadas nos processos interseccionados de produção de desigualdades sociais (SILVA, 2019, p. 166).

⁸ “Entre 1968 y 1988 se inventan las políticas del ano como agenciamentos colectivos frente a las (bio/tanato-) políticas de guerra que hasta ahora habían sido las formas tradicionales de gobierno de lo social: ejercicios de poder en los que la mutilación y la muerte se han convertido en formas de defender la vida de las poblaciones. Estas micropolíticas de maricas, bolleras, travestis y transexuales se oponen al modelo tradicional de la política como guerra (tanto biopolítica como tanatopolítica hallan sus referencias en la guerra como último modelo de control), y proponen un nuevo modelo de la política como relación, fiesta, comunicación, autoexperimentación y placer (HOCQUENGHEM; PRECIADO, 2009, p. 148).”

⁹ O nome do evento fazia referência ao ataque homofóbico a jovens gays na Avenida Paulista no ano de 2010: um grupo de pessoas foi atacado por cinco rapazes com lâmpadas fluorescentes.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/events/313202068879711/>. Acesso em: 23 jun. 2019.

¹¹ “No século das redes sociais e da comunicação digital propiciada pela internet, novos marcos criativos emergiram na cena política LGBT, em torno do chamado ativismo, conceito que ganhou fôlego nas jornadas de junho de 2013. Partindo de estratégias estéticas, culturais e simbólicas que ampliavam o debate político, novos grupos e coletivos se organizaram para transformar a participação cidadã num fator de experimentação igualmente estética. Ação política e ação artística se tornavam um amálgama explosivo, em ritmo de guerrilha cultural. Mediadas pela tecnologia, vieram eclodindo experimentações que mesclavam linguagens e recursos de expressão criativa. Assim nasceu um território novo, o ativismo” (TREVISAN, 2018, p. 528).

¹² Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2PP1232EJdQ>. Acesso em: 23 jun. 2019.

Há alguns tensionamentos sobre a ideia do fervo significar apenas algo de caráter interseccional como propõe Silva (2019) tendo apenas como protagonistas jovens negros da comunidade LGBTQ+. A tese de doutorado do departamento de Antropologia da USP de Gibran Teixeira Braga intitulada “ ‘O fervo e a luta’: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim” sobre a questão do fervo como luta. Braga (2018) acredita que, existem duas visões de luta: uma que evoca uma perspectiva interseccional para dizer que a sexualidade só não basta, se não estiverem também em questão também classe e raça, e outra que defende que o corpo gay livre é sempre um corpo em luta (BRAGA, 2018). Essa segunda perspectiva independe das questões de raça e classe, uma festa gay feita por brancos de classe média ou alta também pode ter esse caráter da luta, da política, inerente ao fervo, pois atua na dimensão da liberdade do corpo, da potência desses corpos, dos afetos.

O fervo opera no cruzamento da interface estético-política. A alegria, a diversão, a dança, a música, o gozo, o desejo, o prazer são elementos formadores e constituintes do fervo que, quando evocados de maneira conjunta, possibilitam a emergência da sua veia política. Política entendida aqui na sua dimensão afetiva, estética, potente. É na face afetiva do fervo que compreendemos esse afeto como ação, pulsação, desejo, possibilidade de vida, de existência, de movimento, indo além da definição comum de sentimento. Fervo é resistência, é outra chance de existência. Félix Guattari em conversa com Kunichi Uno em 1992 já anunciava:

A resistência, nesse momento, não é apenas uma resistência dos grupos sociais, é uma resistência das pessoas que reconstruem a sensibilidade através da poesia, da música, pessoas que reconstruem o mundo através de uma relação amorosa, através de outros sistemas urbanos, de outros sistemas pedagógicos (SANTOS; UNO, 2016, p.121).

Essa é a fundação do fervo: a alegria, o afeto, a sensibilidade como usina política. No show de Linn da Quebrada tudo isso era notável, pessoas alegres, potentes, sem nenhum pudor em mostrar suas roupas, maquiagens, seus corpos livres e políticos. Linn fomentava isso no público, agenciava o fervo, mediadora dos afetos que transpassavam os corpos naquela noite. Presenciando tudo aquilo que ia além de apenas um show ou de uma simples apresentação, era a mais pura manifestação do fervo em *strictu sensu*, pensei na fervografia.

Para pensarmos um método para entender o fervero, a fervografia, precisamos entender primeiramente a cartografia, base epistemológica da fervografia, cujo principal elemento é o afeto.

Cartografia, afetos e comunicação

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem ocorrem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia é composta de narrativas, seu principal elemento é a escrita, cartografar é praticar, experimentar, produzir junto com o seu objeto de estudo, é coproduzir. Na cartografia, vários elementos podem conversar no processo de feitura: escrita, música, filmes, pintura, tudo que abrange o “acontecer” do fenômeno. Sujeito e objeto estão de mãos dadas e se constituem no plano afetivo de formação do acontecimento, ambos são afetados e afetam no decorrer da experiência cartográfica (ROLNIK, 2014).

Cartografar é abrir os sentidos às possibilidades do mundo. Abrir-se ao sensível, habitar territórios físicos e existenciais, por meio dos olhares, da escuta, dos cheiros, dos gostos, dos toques. A cartografia é calcada na experimentação, na afetação e na produção real do social; é um rizoma¹³, experimentação calcada no real. Nesse mapa, justamente porque nele nada se decalca, não há um único sentido para experimentação, nem uma mesma entrada. São múltiplas as entradas numa cartografia. Ao experimentar acompanham-se processos, rastreiam-se passos. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é o traçado no plano da experiência acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador, e a produção do conhecimento) do próprio caminho investigativo. Cabe ao cartógrafo rastrear, experimentar, afetar, ser afetado, perceber, coproduzir junto com seu objeto de pesquisa.

Ao falar em cartografia é inevitável não mencionar a teoria dos afetos de Spinoza que é sua principal base. “Cartografamos com afetos, abrindo nossa atenção e

13 O rizoma é uma haste subterrânea e difere absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. Até os animais o são, sob sua matilha. Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

nossa sensibilidade a diversos e imprevisíveis atravessamentos. (KATRUP; PASSOS, 2016, p. 39).” A própria ideia de corpo vibrátil¹⁴ é alicerçada nos regimes de afetação.

A afetação está diretamente ligada ao conceito de Spinoza (2010) de afetos e afecções, remete não só ao estado do corpo quando afeta ou é afetado, mas à ação, à transformação, à passagem que os corpos sofrem /agem quando afetam ou são afetados; além de corresponder a todo processo afetivo em que há uma transformação da energia vital do ser. Segundo Spinoza (2010), os afetos são as afecções do corpo, uma potência de agir, que pode ser aumentada ou diminuída, uma ação que pode ser de um corpo sobre o outro ou de um objeto sobre um corpo. Quando há aumento de potência o resultado no afeto é a alegria, quando há diminuição é a tristeza. A alegria é a passagem para um estado mais potente e perfeito do próprio ser, a tristeza é o contrário. Pensar os afetos sob a ótica spinozista é entender como se forma a própria sociedade dentro de um jogo de afetação em que uns afetam os outros, modificando a si mesmos e aos outros depois de afetar ou serem afetados.

Deleuze (2002), ao se debruçar sobre o pensamento de Spinoza (2010), afirma que o filósofo não acreditava em uma ação à distância, a ação implica sempre em um contato, a afecção será uma mistura de corpos. A *affectio* é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro que vai abrigar a marca do primeiro. Toda mistura de corpo levará o nome de afecção. A afecção é o efeito de alguma coisa sobre o sujeito, as percepções são exemplos de afecções, no seio da afecção há um afeto. O afeto seria o processo de transição de um estado para o outro, é a passagem vivida, alguma coisa que a afecção envolve. A passagem do estado anterior ao estado atual difere em natureza do estado anterior e do estado atual, há uma singularidade da transição e é precisamente isto que Spinoza chama duração. A duração é a passagem vivida, a transição vivida (DELEUZE, 2009).

É por operar no plano dos afetos (ação de afetar e ser afetado) que a cartografia é uma atividade ética. O cartógrafo se faz por um regime de afetabilidade, ele toca e é tocado. Falo aqui de uma ética Spinozista que está além da moral, mas se funda nos encontros, no exercício da liberdade, do poder, da potência. Ética amoral, das potências,

¹⁴ Rolnik (2014) afirma que o corpo vibrátil é o corpo das forças, povoado de intensidades. Para que as afetações aconteçam são indispensáveis que os corpos sejam corpos vibráteis, corpos vivos de potencialidades e estejam situados num plano de consistência.

do poder, não um conjunto de regras e normas de conduta, mas uma ética das forças, dos afetos como possibilidade de liberdade, nesse sentido, política.

O que é o afeto? É a passagem, que é um aumento da potência ou uma diminuição da potência. Através das afecções, não só a potência de agir do afeto é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, mas também as ideias dessas afecções. Os afetos são as diminuições e os aumentos de potência vividos. Por exemplo, quando a potência de agir é aumentada surge o sentimento da alegria, quando diminuída, da tristeza. É a potência que define a força de um afeto. A potência de agir varia em função de causas exteriores.

Afetar no sentido de modificar, transformar, alterar; de forma recursiva o indivíduo transforma o mundo, que é transformado pelo indivíduo – ainda que boa parte dos efeitos que o mundo produz sobre o indivíduo escape à sua consciência. O afeto é aquilo que sentimos a partir do efeito do que o mundo produz sobre nós, é como o corpo sente as transformações do mundo. É a energia de uma emoção, a força da potência que existe em cada sujeito em ação, expressa. A potência de um corpo significa o não isolamento desse corpo, estar sempre na companhia de outros corpos, em relação. E é nesse jogo de afetos que a cartografia encontra seu terreno fértil e pode servir como método para pensar questões relacionadas à pesquisa em comunicação.

O mundo nos afeta globalmente e nos permite falar de uma comunicação entre o eu e o mundo, afinal todo corpo acaba sendo afetado por algum encontro. Deleuze (1968), em acordo com a proposição de Spinoza, exemplifica dois tipos de encontros: no primeiro caso, encontro um corpo cuja relação se compõe com a minha, produz em mim uma afecção boa, desperta em mim o sentimento de alegria. No segundo, encontro um corpo cuja relação não se compõe com a minha, não traz nada de útil¹⁵ à minha natureza e, nesse sentido, é nocivo e me afeta com tristeza (DELEUZE, 1968).

O encontro é a porta de entrada para a afetação, quando encontro com alguém ou algo, afeto-o. Para que haja afetação é indispensável o encontro. Esses encontros são a abertura para a criação de outras imagens, outras percepções. A afetação mútua entre pessoas\objetos pode transformar-se em interação. A partir das afetações podem ocorrer comunicações e interações. O processo de comunicação é também um processo de afetação. Comunicação não deve ser confundida com sinalização nem informação. É

15 Sobre a ideia de utilidade, a ética de Spinoza é amoral, não se relaciona com as dicotomias bem/mal e sim com útil/bom e inútil/mau. Aquilo que aumenta nossa potência de agir é útil, o que diminui é inútil/nocivo.

uma experiência humana e também de alguns não humanos. É algo que perpassa a todos, todos a vivenciam e a sentem; atravessa os seres e as coisas. Comunicar é produzir, partilhar com o mundo e com os seres viventes. Comunicar é também afetar, ao me comunicar com outros seres, o outro me afeta, nos comunicamos, nos colocamos em uma situação processual de interação (NEVES, 2016).

É com base nas ideias de cartografia, afeto e comunicação uma complexa tríade em constante relação que pensei e operacionalizei a fervografia no show da Linn da Quebrada, sempre posicionando o fervo, o afeto, a alegria como principais guias dos bons encontros naquela noite.

A fervografia e os bons encontros

Era a primeira vez que ia para um show de Linn, só tinha visto apenas em vídeos na Internet e suas aparições no programa Amor & Sexo na Rede Globo de Televisão. Sua entrada foi impactante, a luz vermelha, que incidia sobre o palco e a plateia, difusa na fumaça do gelo seco dava uma aura diabólica, infernal, profana a sua performance. Linn abre seu show com um testemunho, e posteriormente começa a cantar Submissa do 7º dia, música que brinca com a religiosidade¹⁶, com o sagrado e subverte toda essa lógica sacra utilizando o corpo, o sexo, a lascívia como armas de desconstrução e contestação religiosa. Linn vociferava: “Sexo é sexo / Tem amor e tem orgia / Cadela criada na noite / Submissa do 7º dia”.

O público observava, cantava, parecia uma catarse coletiva aquela apresentação, as pessoas que ali estavam compartilhavam das mesmas ideias de Linn. Público heterogêneo, maioria LGBTQ+, drags, travestis, cisgêneros, transgêneros, homens, mulheres que ousavam no estilo de vestir, cores, cortes diferenciados, inclusive o cantor Mateus Carrilho, da extinta Banda Uó, também estava lá na pista apreciando aquele show performático. A cantora drag Lia Clark também fez divulgação desse show na sua conta pessoal do Instagram.

A noite como um todo foi permeada de “bons encontros” como menciona o Spinoza (2010), encontro de pessoas que vibravam na mesma frequência afetiva, que advogavam pela mesma causa, contra a homofobia, o machismo, a transfobia, o racismo, tratava-se de um encontro político acima de tudo, atravessado e movido por

¹⁶ Linn durante a infância e parte da adolescência foi Testemunha de Jeová, acompanhando os passos de sua família. Com a religião teve muito conflitos por causa de sua orientação sexual e sua identidade de gênero.

afetos ativos/alegres, como diz Spinoza, acionadores da nossa potência de agir e de forte cunho libertário. Enquanto Linn performava, cantava, as pessoas dançavam, cantavam junto, partilhavam aparentemente de uma mesma sintonia afetiva. Corpos em relação, comunicação. O que estava ao redor fazia parte da relação conjunta que ali se tecia, composição, uma unidade política, estética potente ali se formava. Linn era a guia.

Guia daqueles encontros, nosso com ela, dela conosco, do público entre si e dela com os outr(x)s parceir(x)s de palco, nossos com a música, a música conosco. E o que quer dizer esses “bons encontros” de acordo com Spinoza? Naquela noite as relações de Linn se compunham com a minha, com as relações do público, encontrei alguma coisa que convém com minhas relações. Sua música, sua performance, sua estética, sua fala, seu grito, seu som, incitavam e inspiravam alegria no meu e nos outros corpos. As relações sonoras ali se fundiam com o meu e com os outros corpos.

Linn seguia sua apresentação cantando, performatizando às músicas do seu álbum Pajubá, como Necomancia, Bixa Preta, (Muito +) Talento. Na apresentação de (Muito +) Talento, antes de começar a cantar Linn e Jup pegam um dildo de borracha, melam em um recipiente com leite condensado e ambas começam a lamber/chupar aquele vibrador de plástico, Linn gritava: “Eu quero rabo!”, depois de lamber o pênis de borracha, melava-o novamente no leite condensado e segurando-o, andando pelo palco de um lado para o outro, passava respingando o leite condensado que caía do vibrador no público de boca em boca. As pessoas não chegavam a ter contato direto com o objeto, mas abriam suas bocas para receber o leite condensado que caía do pênis de brinquedo que Linn segurava. Tudo aquilo parecia um ritual, um ritual em que a profanação ditava as regras. Para mim, aquele encontro causava certo espanto, os afetos que nasciam em mim eram uma mistura de medo daquilo tudo que estava presenciando, com surpresa. Em seguida, Linn ativava a alegria no meu corpo e posteriormente a admiração. Que mulher! Quanta política exercida em um palco, que talvez aos olhos de alguém com outra perspectiva estética e de mundo poderia soar como vulgar, apelativo, sexual, pornô.

A música de Linn, o funk e o rap, principalmente o funk, fala de afetos marginais, afectos mal-ditos¹⁷, expressam sua raiva, inconformidade com uma

¹⁷ “Os afectos mal-ditos traçam seu tratado de nomadologia no *intermezzo*, entre o público e o privado, entre homem e mulher, entre homem e animal, entre homem e vegetal. Análogos às peças do gô, seus fluxos e refluxos inauguram um devir-homossexual, um devir-mulher, um devir-homem, um devir-animal” (FERREIRA, 2008, p. 138).

sociedade que mata, oprime e imprime os piores valores para pessoas como ela. Sua música incomoda e reverbera uma estética *queer*¹⁸.

A música não reflete apenas realidades de gênero e sexuais, mas contribui para a produção de subjetividades sexuais e de gênero. Culturas musicais *queer* não são de modo algum separadas das teorias e teorizações *queer*; ao contrário, eles emergem como parte e sempre em diálogo com esse trabalho. (...). Música contribuiu para a produção e manutenção da *queerness*¹⁹ (TAYLOR, 2012, p. 8 – tradução nossa).²⁰

Eis que Linn começa a cantar: “Não adianta pedir / Que eu não vou te chupar escondida no banheiro / Você sabe que eu sou muito gulosa / Não quero só pica / Eu quero o corpo inteiro”, o público começava a gritar e cantar junto com ela. Nesse instante, Linn tira parte do vestido, a parte branca, e fica com um maiô preto, as botas brancas e a parte vermelha bufante do braço esquerdo permanece.

Naquele momento, ficava mais claro ainda as relações que ali iam se tecendo, afetações sonoras, corporais²¹ se formavam naquele corpo social, político, estético, performático que ali se constituía. Corpo-Unidade. Corpo-Afetado. Um mapa afetivo foi se desenhando no espaço. Cartografia agora realizada no fervo, fervografia. Diversas relações, composições, combinações foram nascendo. Não apenas a Linn e a Jup faziam performances, a plateia também, as ativistas incluíam o público também na apresentação, as pessoas participavam da performance em conjunto com as cantoras. E os bons encontros não paravam por aí.

Eis que acontece o ponto alto festa. Linn começa a cantar *acapella* os primeiros versos de sua música Bixa preta: “Bicha estranha, louca, preta, da favela / Quando ela tá passando todos riem da cara dela / Mas, se liga macho / Presta muita atenção / Senta e observa a tua destruição”. Nesse momento, ela exige que todos que estão na plateia se sentem, se agachem, todos sem exceção. Inicialmente achei estranho e relutei, mas

¹⁸ O significado da palavra *queer* passa por diversas acepções ao longo da história remetendo a coisas estranhas, bizarras, esquisitas, inclusive com uma conotação pejorativa para homossexuais e desviantes de gênero. “Nos últimos tempos, *queer* passou a ser usado de duas formas distintas. Primeiro, e mais comumente, é um termo abrangente para comunidades de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT). Este uso particular de *queer* é bastante problemático. Não reconhece as diferenças de gênero, raça, etnia, classe e idade. O segundo uso do *queer*, que informa este estudo, é como um termo de resistência imbuído de uma retórica anti-assimilacionista e desconstrucionista que se opõe agressivamente às normas hegemônicas de identificação e comportamento, incluindo a política liberal de lésbicas e de identidade gay” (TAYLOR, 2012, p. 14 – tradução nossa).

¹⁹ Na tradução literal significa estranheza, mas aqui remete a certa atitude/postura *queer*.

²⁰ “*Music does not merely reflect gendered and sexual realities, but contributes to the production of gender and sexual subjectivities. Queer music cultures are by no means separate from queer theories and theorisation; rather, they emerge as part of and always in dialogue with this labour* (TAYLOR, 2012, p.8).”

²¹ Sobre o conceito de afetações sonoras e corporais ver tese de doutorado de Thiago Tavares das Neves, disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23510/1/CoracaoSonoroAfetos_Neves_2016.pdf. Acesso em 26 jan. 2019.

comecei a observar que Linn mandava em todxs ali, era a dona da noite. Agacho-me. Linn continua exigindo que a plateia se sente, ninguém escapou ileso de sentar. Seguranças, pessoas que trabalhavam no bar, equipe técnica, todxs sentaram.

Linn pára, desce do palco e vai para o meio do público. Começa a cantar. O público explode junto com ela e todxs iniciam vários pulos em conjunto, inclusive a própria Linn pula sincronicamente com a plateia, era um momento de catarse coletiva, afetações sonoras, corporais aconteciam ali. Um corpo vibrátil sendo potencializado pela música, pela performance e pela força afetiva de Linn. As pessoas eram varridas por aquele vendaval chamado Linn da Quebrada que carrega todos juntos com ela. Tratava-se de uma clara experiência de fervo. Eu seguia com a minha fervografia naquele espaço, experimentando, compartilhando, fervendo.

A experiência de pedir para que as pessoas se sentem no chão parece ser comum nas apresentações de Linn, em um show dela em Madrid, a cantora fez algo bem parecido com o que aconteceu neste dia²².

Linn continua seu show, a plateia sempre animada, cantando as músicas e interagindo com ela. Encontros vibrantes, potentes, políticos, acima de tudo, eram tecidos naquela noite. Eis que Linn convida para o palco MC Tha que começa a performar e recitar os primeiros versos da música Mulher: “De noite pelas calçadas / Andando de esquina em esquina / Não é homem nem mulher / É uma trava feminina / Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios / Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação / É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto...” Antes de concluir a letra, Linn chega por trás e lhe rouba um beijo na boca. O beijo termina, a música começa e o as pessoas gritam em unísono.

Mc Tha tira a parte de cima de sua vestimenta e fica com os seios expostos, ambas começam a rastejar de quatro no palco e Linn prossegue cantando. A performance continua e um círculo de afetação é criado naquele espaço. Quantos encontros bons naquela noite. Linn fez um show político, performático, corporal, afetado, movido de bons encontros, dizendo que devemos criar redes de apoio, para suportar a violência física e simbólica a que a população LGBTQ+ é submetida todos os dias.

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fC2ZifTt5mA>. Acesso em 09 de abr. 2019.

Fervo – alegria, política e materialidade comunicacional

Vale a pena destacar como o fervo, a alegria, a política, a comunicação e a ideia dos bons encontros de Spinoza (2010) estão entrelaçados. O sentido da alegria é o sentido propriamente ético, Spinoza (2010) defende uma ética da alegria, dos corpos potentes, empoderados, enérgicos e vivos. A alegria é o alimento do fervo, é o afeto da afirmação da existência, criada a partir dos bons encontros, das relações que são tecidas entre os corpos numa gramatura comunicacional polinizando a política, a luta, a resistência.

Há uma política da alegria, uma política do humor, uma política das rupturas assignificantes que mudam as coordenadas de referencia. Podemos estar, ao mesmo tempo em um mundo completamente triste, de segregação, um mundo de desespero total e em que, algumas vezes, acontecem mutações de referência. Para mim, as pessoas mais engraçadas do mundo, que me fazem morrer de rir, são amigos relações de amizade que tive com esquizofrênicos, com loucos (SANTOS; UNO, 2016, p. 97).

Linn e a alegria que despertava no público criavam uma atmosfera ética, política, do sensível. A alegria adquire aqui sentido político, que pode também ser expressa na sensibilidade, na estética. A ética da alegria compreendida como uma via do sensível em que uma veia política é fomentada e despertada. O fervo é a mais pura materialização comunicacional disso tudo: alegria, política, afeto, todos imbricados.

Não lembro bem a música de encerramento do show, mas recordo de ter sido afetado por Linn das melhores formas. A bicha, travesti, preta como ela mesma se autodenomina é um furacão político, de gênero. Linn é fervo, não é fervida como diz o Pajubá, sua materialidade comunicacional é dilatada, assim como o fervo. Depois de um bom encontro com Linn, ninguém é mais o mesmo.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Gibran Teixeira. **‘O fervo e a luta’: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DALASAM, Rico. “‘O fervo é protesto’ Conheça Rico Dalasam o rapper gay que está quebrando tabus”. **Geledés**, 8 jan. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-fervo-e-protesto-conheca-rico-dalasam-o-rapper-gay-que-esta-quebrando-tabus/>. Acesso em: 23 jun. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Fortaleza: EDUECE, 2009 (2ª Edição).

_____. **Espinoza e o problema da expressão**. Tradução de *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: *Les éditions de minuit*, 1968.

_____. **Espinoza – filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia 2. Vol.1**. São Paulo: Editora 34, 1995.

ELER, Guilherme. “O que é o Pajubá, a linguagem criada pela comunidade LGBT”. **Época**, 5 nov. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/o-que-e-o-pajuba-a-linguagem-criada-pela-comunidade-lgbt/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

FERREIRA, P. R. **Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Anpocs, 2008.

HOCQUENGHEM, Guy; PRECIADO, Beatriz. **El deseo homosexual con Terror anal**. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2009.

KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. “Pista do comum – cartografar é traçar um plano comum”. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; TEDESCO, Silvia (Org.). **Pistas do método da cartografia – a experiência da pesquisa e o plano comum – volume 2**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

NEVES, Thiago Tavares das. **Coração sonoro – afetos, corpos e máquinas nas festas de música eletrônica**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal, 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

SANTOS, L. Garcia; UNO, K. **Guattari – Confrontações/conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

SILVA, Vinicius Alves da. O Fervo, a Diversidade Sexual e de Gênero e a Pedagogia da Prevenção. **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura** [S.l.], v. 1, n. 04, p. 163-191, fev. 2019. ISSN 2595-3206. Disponível em: <http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/166>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

SPINOZA. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TAYLOR, J. **Playing it queer: popular music, identity and queer world-making**. Berna: Suíça, 2012.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade**. 4. ed, rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.